

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Curso de Especialização Lato Sensu em Ensino de Geografia - Engeo

Gabriel Carvalho Cabral

GLOBALIZAÇÃO, METROPOLIZAÇÃO E PATRIMÔNIO EM CAMPOS DOS

GOYTACAZES: uma abordagem da educação patrimonial

Diamantina

2022

Gabriel Carvalho Cabral

**GLOBALIZAÇÃO, METROPOLIZAÇÃO E PATRIMÔNIO EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES: uma abordagem da educação patrimonial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização *lato sensu* em Ensino de Geografia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Hebert Canela Salgado

Diamantina

2022

Catálogo na fonte - Sisbi/UFVJM

C117 Cabral, Gabriel Carvalho
2022 GLOBALIZAÇÃO, METROPOLIZAÇÃO E PATRIMÔNIO EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES: [manuscrito] : Uma abordagem da educação
patrimonial / Gabriel Carvalho Cabral. -- Diamantina, 2022.
52 p. : il.

Orientador: Prof. Hebert Canela Salgado.

Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) --
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri,
Curso de Especialização em Ensino de Geografia, Diamantina,
2022.

1. Patrimônio. 2. Globalização. 3. Metropolização. 4.
Fotografia. 5. Campos dos Goytacazes. I. Salgado, Hebert
Canela. II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e
Mucuri. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFVJM com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Este produto é resultado do trabalho conjunto entre o bibliotecário Rodrigo Martins Cruz/CRB6-
2886

e a equipe do setor Portal/Diretoria de Comunicação Social da UFVJM

Gabriel Carvalho Cabral

**GLOBALIZAÇÃO, METROPOLIZAÇÃO E PATRIMÔNIO EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES: uma abordagem da educação patrimonial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Especialização *lato sensu* em Ensino de
Geografia da Universidade Federal dos Vales do
Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para
obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Hebert Canela Salgado

Aprovada em: 26 de agosto de 2022

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Hebert Canela Salgado	 Documento assinado digitalmente HEBERT CANELA SALGADO Data: 09/09/2022 18:23:31-0300 Verifique em https://verificador.iti.br	FIH/UFVJM
Prof. Dra. Maria Claudia Almeida Orlando Magnani	 Documento assinado digitalmente MARIA CLAUDIA ALMEIDA ORLANDO MAGNANI Data: 02/09/2022 09:55:38-0300 Verifique em https://verificador.iti.br	FIH/UFVJM
Prof. Dr. Cássio Alexandre da Silva	 Documento assinado digitalmente CASSIO ALEXANDRE DA SILVA Data: 09/09/2022 20:36:31-0300 Verifique em https://verificador.iti.br	PPGEO/ UNIMONTES

Diamantina, 26/08/2022

Dedico este trabalho a todos que, de alguma forma, acreditaram em mim e contribuíram para minha formação até aqui. Família, amigos e professores.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de salientar minha eterna gratidão a todas as pessoas que colaboraram com a minha jornada até aqui. Ao longo desse caminho muitas pessoas estiveram comigo, e quando mais uma etapa é concluída, percebemos a importância e imprescindibilidade de cada palavra, gestos, ajuda, apoio, ombro amigo, força, e contribuições.

Primeiro, agradeço aos meus pais, Éllen e Nilton, por todos os esforços realizados mesmo com todas as dificuldades e diferenças. Ao meu irmão, Miguel, por ser um motivo a mais para continuar.

Gratidão eterna a todos meus amigos por todos os momentos de respiro que sempre foram um escape e um motivo a mais para não desistir.

Agradeço a todos do Programa de Pós graduação Latu Sensu em Ensino de Geografia, coordenação, professores, tutores, e ao meu orientador Professor Hebert, pela oportunidade e também por todo o conhecimento compartilhado e construído ao longo desse tempo.

A todos, meu muito obrigado.

“A melhor câmara é aquela que está com você” (JARVIS, Chase 2010).

RESUMO

Ao longo do tempo a sociedade modifica o espaço e insere marcas materiais e imateriais que narram suas dinâmicas e características. Na posterioridade, alguns desses vestígios são considerados patrimônio por representarem a forma como aquele grupo se estabeleceu espacialmente de acordo com seus aspectos econômicos, políticos, arquitetônicos, simbólicos, modos de produzir, etc. Contudo, com as novas dinâmicas de um mundo globalizado e a incessante busca por espaço metropolizado as marcas patrimoniais são influenciadas à medida que a relação da sociedade com o espaço também são transfiguradas. O trabalho empenha-se em entender a influência do processo de metropolização na educação patrimonial e na cultura local de Campos dos Goytacazes (RJ). Para dar base à questão principal, fotografias do espaço urbano campista foram utilizadas atreladas a três pontos principais para a discussão. São eles: 1) o declínio de uma estrutura espacial, social, econômica, política, baseada na cana de açúcar; 2) ascensão de estrutura organizacional petrorrentista; 3) acúmulo de marcas histórico-culturais importantes que são refletidas nas formas, funções, simbolismos e imaginários da sociedade campista. A metodologia qualitativa está centrada em uma proposta pedagógica para a educação patrimonial. Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico, um resgate fotográfico e obedecendo um intervalo temporal, de 2018 a 2022, outros materiais foram pesquisados como relatos, notícias, cursos, que ofereceram sustentação à finalidade metodológica. A base teórica utilizada, as fotografias e os pontos norteadores revelaram que na contemporaneidade o processo espacial da globalização põe em risco o patrimônio, não só em seu aspecto material, mas também a significação e o simbolismo para a sociedade.

Palavras chave: Patrimônio; Globalização; Metropolização; Fotografia; Campos dos Goytacazes.

ABSTRACT

Over time, society modifies the space and inserts material and immaterial marks that narrate its dynamics and characteristics. In posteriority, some of these traces are considered heritage for representing the way that group was spatially established according to its economic, political, architectural, symbolic aspects, modes of production, etc. However, with the new dynamics of a globalized world and the incessant search for metropolized space, heritage marks are influenced as society's relationship with space is also transfigured. The paper endeavors to understand the influence of the metropolization process on heritage education and local culture in Campos dos Goytacazes (RJ). To give a basis to the main question, photographs of the Campinas urban space were used linked to three main points for discussion: 1) the decline of a spatial, social, economic and political structure based on sugar cane; 2) the rise of the petro-entier organizational structure; 3) the accumulation of important historical-cultural marks which are reflected in the forms, functions, symbolisms and imaginaries of the Campinas society. The qualitative methodology is centered on a pedagogical proposal for heritage education. To this end, a bibliographic survey was carried out, a photographic rescue, and obeying a time interval, from 2018 to 2022, other materials were researched such as reports, news, courses, which offered support to the methodological purpose. The theoretical basis used, the photographs and the guiding points revealed that in contemporary times the spatial process of globalization puts heritage at risk, not only in its material aspect, but also the meaning and symbolism for society.

Keywords: Heritage; Globalization; Metropolization; Photography; Campos dos Goytacazes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Canal Campos-Macaé	20
Figura 2 - Pontes João Barcellos Martins e Leonel Brizola	21
Figura 3 - Ponte da <i>Leopoldina Railway</i>	22
Figura 4 - Vista superior da Praça do Santíssimo Salvador e seu entorno.	22
Figura 5 - Praça São Salvador	23
Figura 6 - Usina do Queimado	24
Figura 7 - Antiga Usina do Queimado	31
Figura 8 - Atual Usina do Queimado	31
Figura 9 - Grande Plano Geral.....	33
Figura 10 - Plano Geral	33
Figura 11 - Plano Médio.....	34
Figura 12 - Primeiro Plano	34
Figura 13 - Regra dos Terços	35
Figura 14 - Foco	35
Figura 15 - Desfoque	36
Figura 16 - Ângulo e Perspectiva	36
Figura 17 - Alinhamento ao centro da imagem	37
Figura 18 - Moldura.....	37
Figura 19 - Catedral do Santíssimo Salvador	38
Figura 20 - Vista superior.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamento de materiais sobre patrimônio em Campos	27
Tabela 2 - Lista de patrimônios para a atividade	30
Tabela 3 - Perguntas do exercício da etapa 1	32

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa de Localização	39
------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 GLOBALIZAÇÃO, METROPOLIZAÇÃO E PATRIMÔNIO	15
3 CAMPOS DOS GOYTACAZES, PATRIMONIO E METROPOLIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO	18
4 PATRIMÔNIO E ENSINO DE GEOGRAFIA	25
4.1 O patrimônio no processo de ensino-aprendizagem: uma proposta de um acervo fotográfico.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

A globalização é um tema amplamente estudado e discutido pela geografia e outras ciências sociais ao tratar sobre as transformações espaciais e a caracterização do mundo contemporâneo. As questões versam sobre a dinâmica do espaço urbano, a velocidade das informações e transmutações espaciais, a complexa organização espacial, suas formas, suas funções, estrutura, e ainda a influência desse processo na vida cotidiana da sociedade global. Assim, percebe-se que além de ser muito pesquisada e debatida a globalização também possui diferentes causas e efeitos na contemporaneidade.

Este trabalho faz uma busca alternativa para o entendimento do fenômeno da globalização, um caminho que se distancia das vastas pesquisas restritas ao caráter econômico, por exemplo. Assim, será realizada uma tentativa de aproximação entre patrimônio e metropolização, entendendo este fenômeno como o processo espacial oriundo da globalização. Essa reflexão foi construída a partir de uma análise fotográfica da cidade de Campos dos Goytacazes.

Desta forma, o principal objetivo deste trabalho consiste em entender a influência do processo de metropolização na educação patrimonial e na cultura local de Campos dos Goytacazes (RJ). Os objetivos específicos são: 1) debater o patrimônio em suas perspectivas culturais, históricas, de memória, pedagógicas e a importância da apropriação e preservação desses espaços; 2) sinalizar o papel dos indivíduos como agentes modificadores do espaço e de sua própria realidade que insere os atributos culturais e identitários; 3) promover uma alfabetização visual através da fotografia aguçando o conhecimento e a preservação dos patrimônios.

Ressalto que a investigação proposta por este trabalho tem origem em percepções, questionamentos, e estudos realizados ainda na graduação por meio de uma Iniciação Científica que, resumidamente, tinha como objetivo central fazer uma análise da paisagem urbana campista. Para a pesquisa, foi feita uma série de campos investigativos e exploratórios para construir um acervo fotográfico que seria base do trabalho.

Acredito que na maior parte das pesquisas científicas as possibilidades de um tema são vastas e abrem caminhos para outras investigações a partir da mesma temática. Às vezes isso acontece por não responder todas as problemáticas observadas, por surgirem outras à medida que se aprofunda na compreensão do fenômeno pesquisado, ou até mesmo pela

variedade das discussões. E a paisagem campista em sua essência permite essa ampla investigação científica.

Por isso, o percurso metodológico é de cunho qualitativo e quantitativo fragmentado em algumas etapas. A primeira etapa se caracteriza pela pesquisa, levantamento e análise bibliográfica que abarca os temas de globalização e metropolização, patrimônio, cultura, ensino de geografia na perspectiva da educação patrimonial e fotografia. Tais discussões travadas por autores como Lencioni (1997; 2015), Santos (1985; 2004; 2008), Berque (1998), Corrêa (2014), Fonseca (2005), Pereira Pinto (1987), e outros.

A segunda etapa se baseia em um resgate fotográfico da Iniciação Científica e outros acervos fotográficos como o do Arquivo Público Municipal, que serão utilizadas no desenvolvimento da questão central da pesquisa. Além das fotografias, obedecendo um intervalo temporal de 2018 a 2022, outros materiais serão pesquisados como relatos, notícias, entre outros materiais da cidade de Campos a fim de elaborar um levantamento de iniciativas público-privadas que evidenciem ou não uma busca pela educação, preservação e conservação patrimonial.

A etapa após o levantamento é a seleção e separação das fotografias que serão a base das discussões na relação entre o processo de metropolização e patrimônio. Essa apuração fotográfica leva em consideração três aspectos principais que também representam, de certa forma, possíveis caminhos para os resultados da pesquisa, são eles: 1) o declínio de uma estrutura espacial, social, econômica, política, baseada na cana de açúcar; 2) ascensão de estrutura organizacional petrorrentista; 3) acúmulo de marcas histórico-culturais importantes que são refletidas nas formas, funções, simbolismos e imaginários da sociedade campista.

Feitas estas considerações, o cerne da metodologia está em uma proposta de trabalho de campo utilizando a fotografia como princípio de representação visual para a educação patrimonial. Como elucida Serpa (2006, p. 12) “recortar espaços de conceituação na realidade, em coerência com os fenômenos que se deseja estudar e analisar é questão central para operacionalização do trabalho de campo em Geografia”. Busca-se com a prática contribuir de forma significativa para as discussões sobre o tema e possibilitar que o material produzido seja utilizado por outros professores e instituições.

O projeto da pesquisa de campo irá considerar a recuperação do patrimônio campista por meio do exercício da educação patrimonial e apresentará os seguintes pontos: 1) uma lista com os pontos principais da cidade que devem ser considerados na realização do campo; 2) um mapa de localização; e 3) orientações fotográficas para serem utilizadas na representação patrimonial.

Falar sobre patrimônio alude às heranças individuais ou de grupos retidas ao longo do tempo histórico que são resultantes de um processo de significação cultural. Consoante a isto, temos essa pressão espacial da metropolização que pode pôr em risco as marcas materiais impressas na paisagem e, conseqüentemente, o imaginário dos munícipes.

2 GLOBALIZAÇÃO, METROPOLIZAÇÃO E PATRIMÔNIO

Na qualidade de conceito, ao longo do tempo e dependendo do contexto foram atribuídos diversos estudos e diferentes interpretações para o que representaria o patrimônio. Aqui, patrimônio significa algo que necessita ser preservado, isto é, bens materiais, imateriais, conjunto de direitos, de características associadas a uma pessoa ou a um grupo de pessoas, seja qual for a sua natureza, pertencente a todos enquanto sociedade em que o Estado ocupa um papel central na sua delimitação (FONSECA, 2005).

As marcas patrimoniais atuam como um processo identitário local, exercendo um papel de reconstruir e restabelecer as memórias passadas da (re)produção social. Essas memórias coletivas da sociedade entendidas como patrimônio cultural possuem um elo com a perspectiva de paisagem cultural uma vez que representam a atuação e modificação da natureza pelo homem, atribuindo marcas espaciais e simbólicas. Então, a paisagem e sua dimensão cultural possuem valor, uma vez que descreve uma trajetória materializada, isto é, sua marca; mas também a interpretação, compreensão e comportamento dos indivíduos que a constituem, sua matriz (BERQUE, 1998).

Assim, a paisagem vai materializar a relação espacial entre sociedade e natureza ao longo do tempo a partir das técnicas e significados atribuídos a ela. “A paisagem e o sujeito são co-integrados em um conjunto unitário que se auto-produz e se auto-reproduz – e portanto se transforma” (BERQUE, 1998, p. 86).

Padilha (2018) ressalta que as transformações ligadas à velocidade das mudanças do mundo contemporâneo são testemunhos da trajetória dos lugares e que possuem grande valor para a memória. Em suas palavras, “os objetos do passado são como provas vivas de outros tempos” (PADILHA, 2018, p. 221). Para além disso, esses espaços de memória constituem a forma atual de contato com a história pretérita. Nesse sentido, quando Padilha (2018) faz referência a “objetos do passado” fala-se sobre o sentido de patrimônio.

Ao considerar brevemente o sentido de memória a partir de Bosi (1979), podemos realizar uma analogia sobre o que a autora define como “memórias de velhos” e patrimônio. Assim, a memória na velhice ocupa um papel de lembranças da vida dos indivíduos que cumpriam uma função social, ou seja, dos tempos em que eram elementos ativos da sociedade. Mas apesar disto, passam a cumprir uma nova função social: a de contar histórias e manter vivas as memórias, sejam elas de uma pessoa, grupos sociais, de um lugar, um fato, objetos.

Para o patrimônio, a memória também ocupa uma função social de vínculo a um tempo passado carregado de histórias que precisam ser mantidas vivas e eternizadas, mesmo

que não sejam mais ativas ou que não cumpram mais uma função determinada anteriormente. Sem desconsiderar que, no presente, contribuem para a valorização das lembranças e possibilitam uma aprendizagem “do que já foi” e desencadeia que a sociedade atual cumpra também a sua função social.

Quanto às técnicas, Santos (2004) aborda como as mesmas produzem e alteram a paisagem. Contudo, enfatiza que cada período histórico desencadeia um grupo de técnicas distintas gerando novos grupos de objetos técnicos, e conseqüentemente o que o autor denomina de “novas formas de ação”.

Esses novos modos de (re)fazer o espaço vão ao encontro das formas, das funções e da estrutura espacial. Entendendo, a partir de Santos (1985, p. 37), as formas como “o aspecto visível de uma coisa” e a função como a “tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa”. Ainda, a materialização das técnicas no espaço retratam a heterogeneidade da paisagem que carrega diferentes significados simbólicos de variados grupos sociais. Por isso, a estrutura vista como “conjunto de elementos que mantêm relações entre si constituindo um sistema” (LENCIONI, 1997, p. 1) também é influenciada, uma vez que nesse processo de reestruturação o espaço, a paisagem, têm que ser olhadas e interpretadas a partir de sua completude.

Quanto aos significados e simbolismos, Corrêa (2014) faz uma contribuição a partir do olhar diferente para o mesmo assunto dos expoentes da geografia cultural: Carl Sauer e Denis Cosgrove. A morfologia da paisagem de Sauer corresponde a um conjunto inseparável das formas, das funções e da estrutura de um determinado espaço e do grupo social que inserem e modelam a paisagem natural. Nas palavras do autor:

As formas que constituem a paisagem estão integradas entre si, apresentando funções que criam uma estrutura. A paisagem constitui, assim, em uma unidade orgânica ou quase orgânica. Trata-se de morfologia na qual forma, função e estrutura são elementos centrais (CORRÊA, 2014, p. 41).

Cosgrove caminha de encontro à perspectiva saueriana uma vez que a paisagem ultrapassa o aspecto morfológico, ou seja, é carregada de interesses individuais de essência simbólica, “um modo de ver”. Isto é, a “paisagem não é apenas morfologia, mas insere-se também no mundo dos significados, estando impregnada de simbolismo” (CORRÊA, 2014, p. 41).

Posto isto, chega-se à complexidade na preservação do patrimônio cultural devido à subjetividade que há entre os simbolismos culturais e o papel-interesse do Estado. Isso significa que o contexto é um ponto importante ao considerar o patrimônio, uma vez que distintos valores são atribuídos ao longo do tempo, tanto pela camada social que nutre os

significados, quanto pelos interesses público-privado na contemporaneidade. Com base nisso, Fonseca (2005) afirma que

Se os valores que se pretende preservar são apreendidos na coisa e somente nela, não se pode deixar de levar em consideração o fato óbvio de que os significados nela não estão contidos, nem lhe são inerentes: são valores atribuídos em função de determinadas relações entre atores sociais, sendo, portanto, indispensável levar em consideração o processo de produção, de reprodução, de apropriação e de reelaboração desses valores enquanto processo de produção simbólica e enquanto prática social (FONSECA, 2005, p.41).

Tratando de uma construção ao longo do tempo, as concepções, os valores e os interesses sobre o patrimônio foram impactados principalmente pelo processo de globalização que ocasiona uma rápida transformação social e espacial. O âmbito social refere-se ao aspecto cultural e choque culturais da globalização, mas, para além disso, o distanciamento e perda das origens históricas e culturais por parte da camada social local ocasionando uma crise identitária.

O aspecto espacial relaciona-se com as características políticas, econômicas, e também sociais. A globalização conduz e estimula o desenvolvimento na busca pela ideia do progresso e da evolução alicerçada em novas formas de produção, alta tecnologia, informação, etc. Essas características neoliberais motivadas pela globalização propiciam uma repressão cultural e patrimonial, ou seja, instauram frente à homogeneização cultural a sensação de que certas práticas e alguns bens materiais não mais correspondem às circunstâncias atuais. De forma prática, o que ocorre é um desinteresse e afastamento da população dos bens imateriais que compõem sua espacialidade, e o sufocamento dos bens materiais da paisagem que fazem parte da história e da cultura local.

Com isso, a esse processo contemporâneo encarrega-se a reestruturação de toda uma estrutura espacial, mas também das relações sociais entre as classes que a integram. Entretanto, agora comandadas por uma lógica de produção alheia aos interesses culturais locais em que o patrimônio se caracteriza como mercadoria e passa a ocupar um espaço de conflito de interesses, negociações e competições. Essas considerações sobre a problemática patrimonial sinalizam os efeitos e impactos da metropolização sendo o fruto espacial da globalização.

3 CAMPOS DOS GOYTACAZES, PATRIMONIO E METROPOLIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

Este capítulo faz uma tentativa de relacionar as considerações de globalização e metropolização da seção anterior com as marcas paisagísticas de Campos dos Goytacazes tendo como base a reestruturação ocorrida na cidade na passagem do século XIX para o XX.

Sinteticamente, a cidade Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro na Região Norte Fluminense, teve por muito tempo como base econômica o plantio da cana de açúcar e seus derivados. Desde o período colonial o setor sucroalcooleiro apresentou uma forte influência sobre a cultura da sociedade campista, uma vez que, acompanharam o contexto da economia e modo de produzir da época.

À vista disso, Campos apresenta um acúmulo temporal na paisagem que desvela a estrutura da produção canavieira. Entretanto, uma grave crise impactou o setor sucroalcooleiro fazendo com que perdesse a pujança na estrutura da cidade, cedendo lugar a uma nova dinâmica espacial ligada à exploração do petróleo.

Sobre isso, Pereira Pinto (1987) exprime que

A ocupação do espaço geográfico dos Campos, resultou antes de mais nada de uma ação imediata, isto é, consciente, onde o agrupamento humano procurou tirar proveito de certos elementos do meio, visando a uma produção determinada, de forma a obter algumas vantagens para a vida de relações. A organização do espaço deu-se em função do sistema econômico, da estrutura social e das técnicas disponíveis. Ao mesmo tempo, surgiu na ocupação do espaço, uma ação combinada, resultante da ação conjunta de uma sociedade, determinada a atingir certos objetivos, distribuindo suas tarefas de acordo com as possibilidades individuais, as tradições, as categorias sociais estruturadas e mesmo a origem étnica. O resultado final se consubstanciou na definição de uma ação continuada, levada avante durante séculos, que estabeleceram modificações no meio, em benefício de resultados esperados imediatistas, estabelecendo porém, as bases de uma organização social para o futuro. (1987, p. 54)

A cidade apresenta marcas da estrutura antes vigente coexistindo com as formas da dinâmica atual representada pelo processo de metropolização, ou seja, a concepção de uma ampliação espacial urbana que é ao mesmo tempo circunscrita por um modelo intenso e altamente acumulador de técnicas e instrumentos de produção do espaço. A metropolização seria então o processo socioespacial da globalização capaz de transfigurar as características do local aproximando-se a um espaço metropolitano. O antigo sistema é transformado e surge uma nova estrutura urbana (LENCIONI, 2015).

As conceituações de forma, função e estrutura são essenciais para entender a dinâmica campista de reestruturação e metropolização do espaço. São notáveis os contrastes visuais na paisagem campista, uma vez que as formas do tempo pretérito ainda ocupam seu

lugar, por mais que não atendam mais as funções para as quais foram designadas. Reafirmando a ideia de que as noções de forma, função e estrutura não podem ser analisadas de maneira separada, pois do conjunto é possível identificar a simultaneidade de diferentes tempos históricos (LENCIONI, 1997). Santos contribuiu quando indicou que as “alterações de velhas formas para adequação às novas funções são também uma mudança estrutural” (2008, p. 76-77).

A metropolização do espaço e o surgimento de uma nova estrutura não significam o desaparecimento de certas marcas inscritas na paisagem, isto é, a estrutura de um espaço conseqüentemente intima uma desestruturação e, portanto, uma reestruturação. Tal processo constitui um só movimento (LENCIONI, 1997). Isso ocorre porque as estruturas não são rígidas e sólidas, elas possuem

um equilíbrio provisório e quando esse equilíbrio intermitente é abalado pode ocorrer uma desestruturação-reestruturação, que se gesta no seio da própria estrutura, pois esta tem uma dinâmica que não só a constitui, mas que, também, busca romper os equilíbrios provisórios (LENCIONI, 1997, p. 4).

Nas estruturas, algumas formas nem sempre são “capazes de produzir uma estruturação; ou seja, em determinados momentos pode ser estruturante e, em outros, não” (LENCIONI, 1997, p. 4). Tal fato as caracteriza como rugosidades, que sugere sua renovação frente ao modo de produção vigente.

Nesse sentido, a produção do espaço não está estritamente ligada à dizimação ou construção de novas formas, mas também às ressignificações estabelecidas a partir de um novo modelo de formação espacial sustentado pela conjuntura de uma forma de produção e das relações sociais. Por isso, as “alterações de velhas formas para adequação às novas funções são também uma mudança estrutural” (SANTOS, 2008, p. 76-77).

Entretanto, com a noção de patrimônio as definições de rugosidades alcançam vastidão nas discussões por efeito do “reconhecimento coletivo de seu valor histórico e cultural” (OLIVEIRA, 2016, p. 5), isto é, a relevância das heranças pretéritas, materiais e/ou simbólicas, levando a compreensão de suas resistências frente à expansão espacial imposta.

Ao avançarmos, compreendendo que as rugosidades não estão restritas apenas aos elementos fixos de diferentes contextos históricos, mas à memória e às subjetividades do plano simbólico que as mesmas despertam, passamos a denominá-las de rugosidades patrimoniais (OLIVEIRA, 2016, p. 5).

A paisagem campista apresenta marcas da economia sucroalcooleira que disputam com as construções contemporâneas que atendem a novos interesses. As fotografias apresentam as características mencionadas ao longo do texto e dão base à discussão.

A primeira obra que pode-se relacionar com as discussões é o Canal Campos-Macaé. Na época de sua construção foi idealizado para o transporte de pessoas e mercadorias além da produção sucroalcooleira. É imprescindível citar que foi “considerada a maior obra de engenharia do Brasil no século XIX” (ANDRÉ, 2015, p. 12) visto que sua construção contou estritamente com a mão de obra escrava e durou 28 anos, entre os anos de 1844 e 1972.

Porém, ao longo do tempo e com os avanços das técnicas o canal caiu em desuso três anos após sua conclusão. As novas dinâmicas espaciais exigiam uma rapidez significativa no transporte e escoamento da produção fazendo com que fosse substituído rapidamente pelas ferrovias e rodovias “perdendo sua função inicial e se modificando, assumindo principalmente em áreas urbanas, um caráter paisagístico” (ANDRÉ, 2015, p. 75).

Sobre essa mudança, Pereira Pinto (1987), acrescenta que:

Durante mais de dois séculos, a obsessão do campista foi a de dominar as águas que cortavam ou penetravam nas propriedades. Era através dos rios e lagoas que se realizava um percurso de navegação permanente, transportando-se mercadorias e pessoas. O sistema de navegação fluvial foi muito usado (...) ao longo do canal Campos-Macaé (...). O sistema de navegação chegou e aprofundou-se pelo nosso século e só perdeu força com o predomínio das estradas de ferro e, depois, das rodovias. (PEREIRA PINTO, 1987. p. 36).

Figura 1 - Canal Campos-Macaé



Fonte: Arquivo próprio, 2017.

Ainda falando sobre modais de transporte, as pontes João Barcellos Martins (1873), popularmente conhecida como ponte de ferro, e Leonel Brizola (2007) possuem uma diferença de 134 anos. Tal diferença exprime que “as técnicas são um fenômeno histórico”, e que através delas “é possível identificar o momento de sua origem” (SANTOS, 2004, p. 57) já que toda

gênese de objetos na paisagem se relacionam com os grupos de técnicas disponíveis e com as dinâmicas sociais instauradas (SANTOS, 2004).

Figura 2 - Pontes João Barcellos Martins e Leonel Brizola



Fonte: Arquivo próprio, 2017.

A “ponte de ferro” já não mais suporta a função para qual foi edificada e atualmente, devido à intensidade do fluxo, suporta apenas pedestres, motocicletas e bicicletas, ou seja, sua eficácia foi limitada pela imposição de uma nova estrutura. A ponte Leonel Brizola foi construída numa tentativa de superar essa ineficiência e atender às novas dinâmicas espaciais da cidade. A sobreposição de objetos e técnicas produz uma heterogeneidade na paisagem devido ao fato de algumas formas não acompanharem as substituições estruturais: quando não são apagadas, são refuncionalizadas aos tempos atuais.

Os trilhos da *Leopoldina Railway* seguem a mesma dinâmica de reestruturação do antes citado Canal Campos-Macaé e atualmente é um adereço na paisagem campista que representa a influência da produção canavieira. Edificada em 1907 na busca de atender às novas dinâmicas de um espaço cada vez mais encorpado em que o “retrocesso é dado, notadamente, pela desativação de vários ramais da região Sudeste, vinculada, em grande parte, às políticas de fomento do sistema rodoviário e aos interesses do negócio petrolífero” (SANTOS E SILVEIRA, 2013, p. 63).

Figura 3 - Ponte da *Leopoldina Railway*



Fonte: Arquivo próprio, 2017

As redondezas da Praça do Santíssimo Salvador também apresentam as diferenças estruturais devido ao mosaico heterogêneo produzido na paisagem ao longo do tempo. O local sofreu as mais significativas mudanças nas formas, funções que acompanharam a organização social do momento, transitando em Câmara Municipal, Prefeitura, Quartel de Corpo de Bombeiros, Biblioteca Municipal, bancos, comércios, entre outros.

Figura 4 - Vista superior da Praça do Santíssimo Salvador e seu entorno.



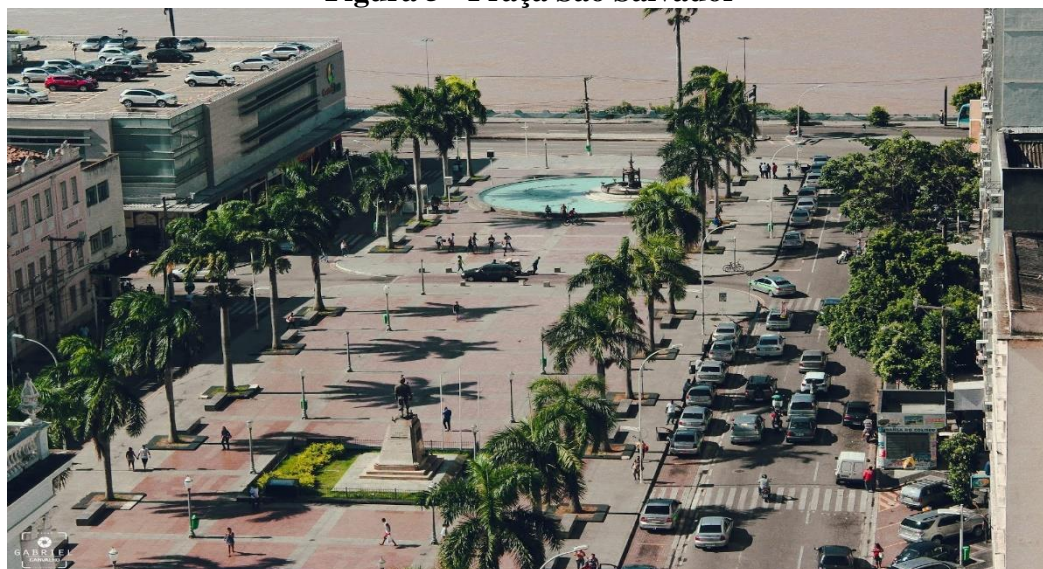
Fonte: Arquivo próprio, 2018.

Ao refletir sobre todas as mudanças engendradas nas redondezas, talvez a de maior proporção tenha sido a praça. Por este olhar, até mesmo o que a praça representa foi ressignificado. Observando todas as mudanças, antes a praça era vista como lugar de permanência, existiam bancos confortáveis, sombras, grama, etc. Hoje, se configura como local de passagem devido aos bancos de mármore, poucas sombras, alargamento das vias e necessidade de um local que abrigasse diversos tipos de manifestações públicas e eventos.

Nas palavras de Lencioni (2015):

Em suma, a olhos vistos, impõem-se sobre tudo e sobre todos, os signos metropolitanos. A paisagem revela uma verdadeira metamorfose e parece que essa transformação notável se deu por causa do domínio do dinheiro, uma vez que tudo está sob o mando desse. Evidencia-se, igualmente, um frenesi, uma agitação desvairada que toma conta das cidades maiores e mais importantes. Nas outras, em especial naquelas mais bucólicas, as praças, os jardins ou outros locais públicos que, anteriormente, se constituíam como locais de encontro, não são mais o que eram (LENCIONI, 2015, p. 1).

Figura 5 - Praça São Salvador



Fonte: Arquivo próprio, 2017

Finalizando a seção das fotografias, a Usina do Queimado, inaugurada em 7 de agosto de 1880 e é uma das 27 ao redor de toda a cidade. Seu caráter particular está no fato de ser um componente que visualmente não corresponde à paisagem atual mas que resistiu e se tornou um resíduo frente à dinâmica espacial do tempo histórico.

Figura 6 - Usina do Queimado

Fonte: Arquivo próprio, 2018

Nas proximidades é possível perceber residências de alto padrão, avenidas movimentadas, academias, e além disso, a Usina continuou ocupando seu lugar mas esperou as novas dinâmicas da sociedade para cumprir uma nova função (SANTOS, 1985) e hoje funciona como espaço de eventos e shows no geral.

As formas quando não são apagadas por não acompanharem as dinâmicas espaciais são refuncionalizadas, ou até mesmo podem se tornar resíduos na paisagem. E além dos pontos citados anteriormente, muitos outros podem ser destacados. São eles: a Casa de Cultura Villa Maria, a Câmara de Vereadores, o Liceu de Humanidades de Campos, o Cais da Lapa e a Igreja Nossa Senhora da Lapa, o Museu Histórico de Campos, o Mercado Municipal e outros. Os mesmos serão explorados por meio da atividade proposta entre patrimônio e fotografia.

Toda essa abordagem com as fotografias evidencia a influência da globalização, isto é, a imposição de uma necessidade do espaço metropolizado em que a relação entre a sociedade e o espaço, através das técnicas, caracteriza a paisagem como esse acúmulo temporal produzido por diferentes grupos de objetos técnicos.

4 PATRIMÔNIO E ENSINO DE GEOGRAFIA

Diante dos desdobramentos elencados nos capítulos anteriores sobre o espaço campista e o papel que o patrimônio ocupa frente aos avanços técnicos e as constantes transmutações na paisagem, é necessário discutir a defesa e preservação do patrimônio histórico e cultural pensando-o em suas potencialidades na promoção de uma consciência espacial cidadã.

Attingir essa consciência frente aos patrimônios históricos e culturais exige, antes de tudo, o conhecimento sobre essas heranças. O ensino de geografia escolar contribui à medida que permite que o aluno entenda as relações e dinâmicas socioespaciais que influenciaram historicamente e culturalmente as marcas patrimoniais. Além disso, que o educando se veja também como agente modificador do espaço a partir de suas vivências, ou seja, sua espacialidade.

Neste processo, a observação constitui uma etapa importante para o conhecimento. As diferentes formas de olhar podem ser cruciais no desenvolvimento e transformação do sentido que o patrimônio representa para cada indivíduo. Nas diferentes formas de olhar existem ferramentas que auxiliam na observação e na representação, por exemplo, a fotografia.

Apresentada ao mundo no século XIX, a fotografia mostrou dentre suas variadas potencialidades a de reinventar as formas de visualização do mundo e por isso foi se consolidando gradativamente ao longo do tempo. Atualmente, por seu caráter compacto e portátil por meio das câmeras digitais e os *smartphones* oferece dinamismo aos registros e representações imagéticas do mundo, inserindo-se no cotidiano dos indivíduos.

No entanto, para o ensino de geografia e de outras ciências, a ferramenta possui capacidades e potencialidades didáticas pouco exploradas. A fotografia ultrapassa seu caráter representativo e ilustrativo, ela é documento, informação, conhecimento, reaviva as memórias e fatos pretéritos, proporcionando o resgate material e imaterial por meio de uma evidência visual. Considerando todos esses aspectos da fotografia, pode-se inferir que contribuem de forma expressiva nas relações e compreensões educativas com o patrimônio.

Horta, Grumbeg e Monteiro (1999, p. 4) fazem uma reflexão importante sobre a educação patrimonial, que constitui, segundo a autora, uma ferramenta de alfabetização cultural. Isto significa propiciar e despertar uma identificação, consciência, pertencimento, e assim, a valorização do patrimônio. Ainda segundo as autoras (1999, p. 4) a educação patrimonial “possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido”.

Nas palavras de Simonne Teixeira,

A Educação Patrimonial é uma prática social educativa que pode ser qualificada como um processo de “alfabetização cultural”. Seu intuito é o de instrumentalizar o cidadão e a comunidade a uma leitura do universo cultural envolvente, capacitando cada indivíduo a reconhecer e reconhecer-se nas diferentes manifestações culturais de sua comunidade, assim como, dar a conhecer os instrumentos legais de sua preservação [...]. (2008, p.5)

Ocupando um papel de proposta pedagógica, a educação patrimonial possui como principal objetivo fazer com que o indivíduo reconheça a história do espaço em que vive, compreendendo as particularidades do patrimônio e que a partir da absorção desses novos conhecimentos seja capaz de reaver e preservar as memórias.

Tratando dos documentos oficiais, consta na seção II, da Cultura, da Constituição Federal em seus artigos 215 e 216 que dispõe para a cultura, patrimônio, valorização e preservação as seguintes deliberações:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afrobrasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

I - defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;

II - produção, promoção e difusão de bens culturais;

III - formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;

IV - democratização do acesso aos bens de cultura;

V - valorização da diversidade étnica e regional.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Contudo, as prescrições normativas para o currículo da educação regular foram implementadas anos depois por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) pela Lei Nº 9.394 de 1996. Assim, a educação básica necessita considerar as especificidades locais e regionais em uma das suas normas educacionais, isto é, as variadas manifestações culturais.

O Guia Básico de Educação Patrimonial publicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, a educação patrimonial constitui

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA, GRUMBERG, MONTEIRO, 1999, p. 4).

É necessário recordar a carência das políticas públicas quando refere-se à valorização do patrimônio e também ao desenvolvimento educacional. Isso caracteriza ambos como um campo de disputa, interesse e negociações colocando em risco a memória local à medida que afasta o povo da sua própria história.

Nessa perspectiva, nos caminhos para o conhecimento e a valorização do patrimônio em um viés didático-pedagógico, a fotografia apresenta artifícios e aparatos para o resgate histórico na educação patrimonial. A ferramenta como uma expressão instiga e estimula um olhar diferenciado, reflexivo e sensível para o que é, até então, desconhecido. A ideia de enxergar através da lente, desvela a aproximação entre a imagem fotográfica e a educação patrimonial, isto é, entre a visualidade e a cultura.

Como já citado ao longo do trabalho, a cidade de Campos “grita” patrimônio e isso deve-se ao seu processo de ocupação sócio histórico. Conforme a tabela 1, os dados obtidos no levantamento exibem os tipos de materiais encontrados e suas características principais, são eles: *websites*, *blogs*, notícias e cursos. Os elementos encontrados não possuem variedade de conteúdo, eles são em sua maioria de caráter apenas informativo e dependendo do tipo de material não possuem frequências altas de postagens e informações. Alguns desses materiais são públicos, ou seja, ligados a órgãos de gestão pública como a prefeitura, universidades e jornais eletrônicos.

Tabela 1 - Levantamento de materiais sobre patrimônio em Campos

Material	Tipo de conteúdo	De caráter Público	De caráter Particular	Frequência de postagens
Website	Informativo	Sim	Não	Baixa
Blog	Informativo	Não	Sim	Baixa
Notícias	Informativo	Sim	Não	Alta
Curso	Educativo	Sim	Não	Média/Alta

Fonte: elaboração própria, 2022.

Os *websites* apresentam conteúdo mais informativo, por exemplo, história do município, características físicas, turísticas que envolvem também o patrimônio. Mas são conteúdos publicados de forma isolada, bem como, sem frequências de atualização das informações expostas.

No caso dos *blogs* encontrados, todos apresentam conteúdos informativos, contudo possuem uma variedade maior de dados. Fotografias, divulgação de palestras, fotografias antigas e atuais, percurso histórico da cidade e dos patrimônios. Mas também não apresentam uma frequência de postagens altas sendo que algumas foram divulgadas há mais de 10 anos.

As notícias são as mais encontradas no levantamento, elas estão presentes no *site* da prefeitura da cidade, em jornais e revistas eletrônicas, e outros. Os conteúdos também são variados: divulgação de cursos, informações sobre tombamentos, atualizações da lista de patrimônio, volta das atividades de órgãos responsáveis pela fiscalização, alertas sobre a falta de preservação dos prédios históricos, etc. Por ser de caráter noticioso e informativo, os conteúdos são recentes e apresentam frequência maior na dinâmica de postagens.

O último ponto pesquisado foram iniciativas voltadas à educação patrimonial. É possível perceber a carência de espaços que promovam discussões em torno da preservação patrimonial a partir da educação em seus variados âmbitos. A primeira atividade parte de uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia (Seduct), em parceria com a Oficina de Estudos do Patrimônio Cultural e o Polo Arte na Escola, ambos projetos de extensão da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). O curso foi realizado em Dezembro de 2021 com perspectiva de novas turmas no ano letivo de 2022.

A professora de História da rede pública municipal e coordenadora do curso, Carmen Eugênia Sampaio, para o portal da prefeitura declara que

A partir da Secretaria de Educação que este curso existe. O curso Campos, Identidades, Memórias e Histórias tem 11 anos e foi forjado dentro da formação continuada no tempo em que a gente tinha como coordenadora a Marluce Guimarães, que é uma referência em educação patrimonial. A partir de então, em 2004, eu assumi este curso, que é realizado duas vezes por ano. E estamos na 22ª edição, a quarta online. O curso é feito para o professor do ensino fundamental da rede municipal e ele abre frente para outros públicos. Neste período online nós abrimos para outras pessoas e foi muito importante esta abertura.

Fala ainda sobre a importância do curso para o público e que o mesmo busca a formação dos educadores da rede e a imprescindibilidade de levar as discussões para os alunos. Em suas palavras, Carmen afirma que:

Visa à formação de educadores da rede municipal para noção de pertencimento e identidade em relação à educação patrimonial local, com enfoque para a história, para a memória, para a tradição, para a formação desta identidade a partir dos primeiros anos de escolaridade. O primeiro momento era dar foco ao quarto e quinto ano em que

a matéria abordada de História e Geografia destacava o território. Depois nós expandimos a necessidade de que este conhecimento geográfico e histórico da educação patrimonial se estendesse para outros segmentos e abrisse um leque de possibilidades para o professor buscar identidades nestes estudantes e dar significado à matéria.

A segunda iniciativa fez parte da 20ª Semana Nacional dos Museus, do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), promovida em parceria pela Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima (FCJOL) com o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) e aconteceu no Museu Histórico de Campos dos Goytacazes (MHCG). O curso é direcionado para professores das redes municipal, estadual e particular; gestores; agentes culturais e comunidade. A presidente da FCJOL, Auxiliadora Freitas, esclarece que

Desde outubro de 2021 havíamos iniciado tratativas com o Inepac para a realização do Curso Educação para o Patrimônio Cultural. Cada turma será formada com um quantitativo de 50 alunos. Será uma importante oportunidade para quem deseja conhecer conceitos de patrimônio cultural material e imaterial, bem como o significado dos atos de tombamento e registro, lugar e espaço de memória.

O gerente de Formação em Arte e Cultura da FCJOL, Fábio Mattos, também declara que

Com o Curso Educação para o Patrimônio Cultural iniciaremos a programação 2022 de cursos da FCJOL, através do Programa de Formação em Cultura, Saberes Culturais (ProFoC), um dos eixos do programa ‘Culture, Campos – com horizonte!’. Com este projeto levaremos, a cada participante, o conhecimento da importância do respeito ao Patrimônio Cultural, seja ele material ou imaterial.

Contudo, as iniciativas de conservação patrimonial e de educação patrimonial são escassas indo de encontro à abundância e pujança desses espaços. A partir do levantamento dos materiais é possível perceber esta afirmação à medida que os espaços educativos são raros, isso quer dizer, ao mesmo tempo, que projetos que busquem manter esse patrimônio também são reduzidos, uma vez que existe um elo entre educação patrimonial e conservação.

4.1 O patrimônio no processo de ensino-aprendizagem: uma proposta de acervo fotográfico

O processo educativo consiste em levar a todos os envolvidos no ensino e aprendizagem a produzirem novos conhecimentos e desenvolver novas habilidades. Como retratado ao longo do texto, a Geografia escolar possibilita o intercâmbio de ideias com as discussões patrimoniais evidenciando suas transmutações decorrentes da reestruturação espacial oriunda da globalização.

Dada a escassez nas iniciativas educacionais que envolvem o patrimônio, busca-se contribuir para a temática com o desenvolvimento de uma proposta pedagógica que tem como produto final um acervo fotográfico patrimonial de Campos dos Goytacazes. A atividade será dividida em três etapas e o capítulo procura fazer uma descrição das atividades.

A primeira etapa concentra-se em uma pesquisa realizada pelos alunos sobre as marcas patrimoniais da cidade, leitura e comparação de imagens, e resgate das discussões sobre a reestruturação espacial e patrimônio. A etapa 1 será fragmentada, o primeiro passo é a disponibilização de uma lista dos patrimônios (tabela 2) a serem pesquisados. As informações investigadas devem ser sobre a história, curiosidades, mudanças estruturais, funcionalidades, fotografias, e demais dados que possam contribuir para a discussão.

Tabela 2 - Lista de patrimônios para a atividade

1.	Praça São Salvador
2.	Museu Histórico de Campos
3.	Cais da lapa e Igreja Nossa Senhora da Lapa
4.	Pontes (João Barcellos Martins, Leonel Brizola, Trilhos da Leopoldina Railway)
5.	Canal Campos-Macaé
6.	Mercado Municipal
7.	Liceu de Humanidades de Campos
8.	Casa de Cultura Villa Maria
9.	Antigo Fórum/Atual Câmara de Vereadores
10.	Usina do Queimado

Fonte: elaboração própria, 2022.

Na listagem disponibilizada para os alunos não constam todos os patrimônios tombados ou reconhecidos da cidade. Devido a uma perspectiva pedagógica e de realização da proposta consta os principais, ou comumente conhecidos, de fácil acesso e que fazem parte da rotina diária de deslocamento da maioria da população.

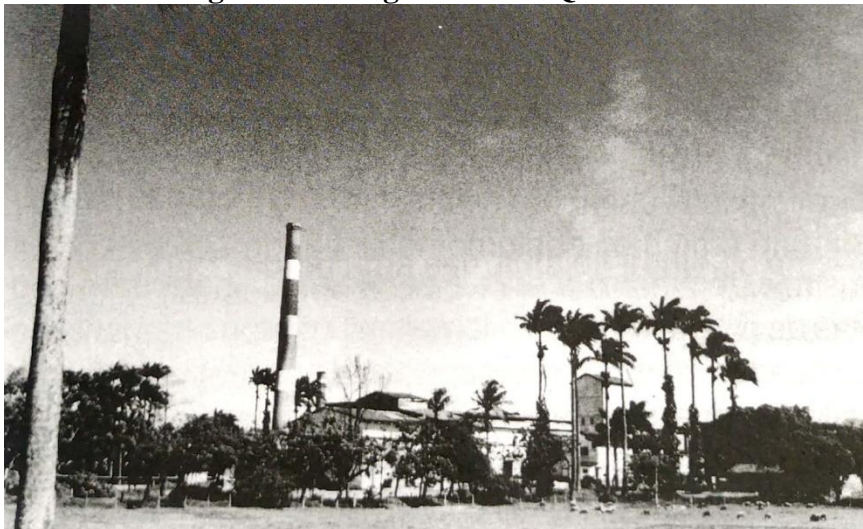
Outro ponto importante é não usar a listagem como uma forma de restrição ou de limitação criativa, ela serve como um guia, um ponto de partida, ou seja, os alunos precisam sentir liberdade para produzir imagens além dos locais citados. Isto porque, por exemplo, locais como a Praça São Salvador, as pontes, o Mercado Municipal, possuem em sua composição espacial outros elementos que podem ser evidenciados nas fotografias.

O segundo passo é uma roda de conversa com os alunos sobre os itens pesquisados em conjunto com o exercício de leitura e comparação de imagens. Ao reunir os dados levantados pelos alunos eles serão questionados sobre o processo e as modificações ocorridas

em cada item, além disso, essa dinâmica terá como base fotografias dos patrimônios em suas versões atuais e antigas¹.

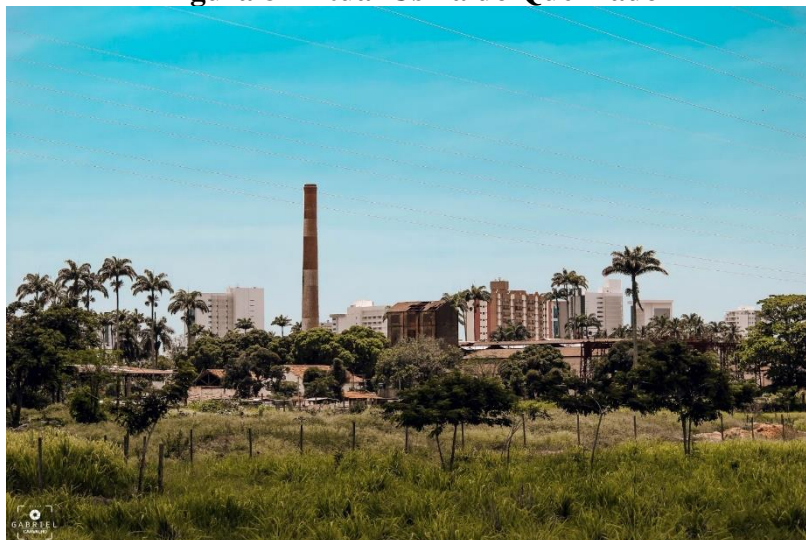
Exemplificando, essa dinâmica tem início com a exibição de uma fotografia antiga (figura 7) de um dos patrimônios listados anteriormente e os alunos devem ser questionados se identificam aquele local. Após as respostas a segunda fotografia será exposta, sendo a atual (figura 8), seguem as perguntas que abarcam as diferenças espaciais a partir da comparação entre as imagens.

Figura 7 - Antiga Usina do Queimado



Fonte: Arquivo próprio, 2018

Figura 8 - Atual Usina do Queimado



Fonte: Arquivo próprio, 2018

¹ As fotografias para a atividade podem ser utilizadas e encontradas no link https://drive.google.com/drive/folders/1CykmkjrEPHx17YZ8_OOwBxHEyiewxzFo?usp=sharing

Tabela 3 - Perguntas do exercício da etapa 1

1.	Liste quais componentes ou características você observa nas fotografias.
2.	Ao comparar as duas imagens quais dos elementos listados difere entre elas?
3.	É possível estabelecer quais são os momentos de estruturação espacial que a cidade vivenciava?
4.	Quais atividades/funções correspondem ao elemento na fotografia? Sua função permanece ou modificou?
5.	Houve alguma transformação na sua característica física? Se sim, a que deve essas modificações?

Fonte: elaboração própria, 2022.

Isso permitirá que os alunos percebam os questionamentos feitos por meio das imagens e suscitar novas indagações e curiosidades criando um novo espaço para as discussões sobre o patrimônio. As fotografias dos patrimônios listados constam em anexo para utilização.

Para finalizar a etapa 1, os envolvidos necessitam alcançar alguns pontos importantes, são eles: entender as dinâmicas espaciais que caracterizam a paisagem atual, conhecer quais são os patrimônios e suas principais características e transformações, ter realizado a comparação das imagens para que seja feita a relação da teoria com a perspectiva visual.

A segunda etapa envolve as discussões técnicas sobre a fotografia. Por mais que os alunos saibam utilizar a ferramenta, muitas vezes, o ato de fotografar acontece de forma intuitiva. Isso quer dizer que os alunos não dominam as técnicas fotográficas a favor da mensagem visual que desejam transmitir.

As técnicas básicas que podem ser apresentadas aos alunos são: enquadramento, regra dos terços, foco, ângulos e perspectivas. Será entregue às orientações técnicas fotográficas para os alunos que foi construída utilizando como base as fotografias apresentadas no passo dois da etapa 1, que por sua vez, proporciona uma associação técnica com a fotografia patrimonial que eles realizaram na sequência.

O enquadramento é o ato de escolher o que vai ocupar o quadro da imagem, quais elementos vão compor ou não a fotografia. Para isso, o enquadramento pode ser dividido em planos que se modificam à medida que o autor se aproxima ou se afasta do objeto ou fato a ser registrado, são eles: o grande plano geral, o plano geral, o plano médio e o primeiro plano. O grande plano geral (figura 9) existe uma condição de superioridade do espaço ou fenômeno em relação ao homem ou objeto, assim, a paisagem é dominante.

Figura 9 - Grande Plano Geral



Fonte: Arquivo próprio, 2018

O plano geral (figura 10) não possui a paisagem de forma dominante no quadro fotográfico e já apresenta uma relação entre homem e espaço, movimentos, formas mais evidentes e transformações na paisagem. O que há é uma complementariedade.

Figura 10 - Plano Geral



Fonte: Arquivo próprio, 2018

A partir do momento em que o sujeito, fenômeno, ou situação passa a impor um domínio perante a paisagem no quadro fotográfico temos o plano médio (figura 11), isto quer dizer que a paisagem, agora, constitui um elemento secundário.

Figura 11 - Plano Médio

Fonte: Arquivo próprio, 2018

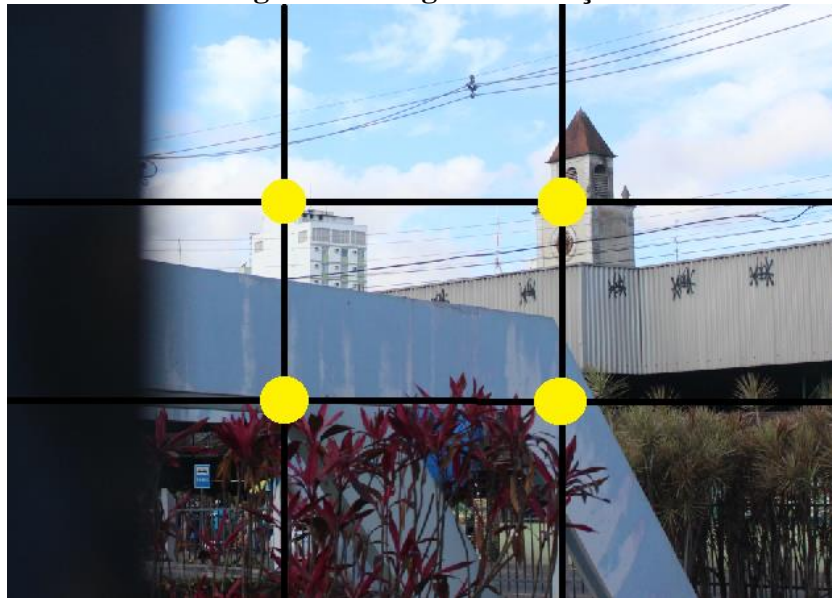
O primeiro plano ressalta aspectos sensíveis à fotografia como sentimentos, expressões, texturas, detalhes, etc. Nesse plano, a mensagem imagética tem como essência a situação, sujeito ou fenômeno retratado e os planos seguintes são difusos e menos evidentes.

Figura 12 - Primeiro Plano

Fonte: Arquivo próprio, 2018

A regra dos terços é utilizada para trazer mais evidência ao elemento principal no quadro fotográfico. Ela é composta por linhas imaginárias que juntas formam nove quadrados iguais e seus pontos de interseção são conhecidos como “pontos de ouro”. Esses pontos servem como um direcionamento do olhar e também para tornar harmônico o assunto na imagem fotográfica. É comum ao fotógrafo centralizar o assunto no quadro, mas a regra dos terços busca ir ao encontro desta prática pois o ato de centralizar cria uma inércia tornando os elementos desagradáveis quando comparado ao todo.

Figura 13 - Regra dos Terços



Fonte: Arquivo próprio, 2018

O foco revela muito sobre a intenção do autor da imagem pois permite criar dinamismo na fotografia à medida que existem possibilidades de focos em um mesmo quadro fotográfico. Ao utilizar diferentes pontos de focos alguns elementos na imagem são ressaltados, e em contrapartida, outros se tornam menos nítidos.

Figura 14 - Foco



Fonte: Arquivo próprio, 2018

Isto quer dizer que é possível focar em um elemento e desfocar outro, o que nos mostra que a ausência de foco não constitui um erro, dependendo da intenção da mensagem. Essas possibilidades focais podem criar movimentos, diferença entre planos, distrações e destaques.

Figura 15 - Desfoque



Fonte: Arquivo próprio, 2018

As perspectivas e os ângulos compõem a imagem por meio de linhas imaginárias que tem como intuito direcionar o olhar para a mensagem principal no quadro fotográfico e são o suporte para toda forma de representação imagética. Ao explorar suas possibilidades, são produzidas visualmente sensações de profundidade, formas, comparações, entre outros. As linhas retas carregam a ideia de direcionamento do espectador, um exemplo disto está na arquitetura, as linhas dos edifícios simbolizam modernidade, ordem e grandiosidade.

Figura 16 - Ângulo e Perspectiva



Fonte: Arquivo próprio, 2018

Da mesma forma, quando alinhamos ao centro dois ou mais elementos na imagem, produzimos uma ideia de comparação. As partes que constituem o quadro fotográfico mantêm-se em harmonia devido às suas proporções em tamanho ocuparem a mesma distância, a mesma extensão e a mesma dimensão na imagem.

Figura 17 - Alinhamento ao centro da imagem



Fonte: Arquivo próprio, 2018

As molduras são elaboradas a partir do uso criativo dos contornos de portas, janelas, arcos, fissuras, e outras aberturas que permitem estabelecer uma profundidade comparativa entre os planos na imagem. Isto é, a moldura possibilita a visualização do cenário após o desenho do elemento utilizado para gerar o paralelo.

Figura 18 - Moldura



Fonte: Arquivo próprio, 2018

O ângulo no qual dispomos os elementos no quadro também produzem efeitos visuais ao espectador. Ao fotografar de baixo para cima (figura 18) o objeto principal exprime

força, grandiosidade e, de cima para baixo (figura 19), representando submissão, fraqueza, inferioridade.

Figura 19 - Catedral do Santíssimo Salvador



Fonte: Arquivo próprio, 2018

Figura 20 - Vista superior



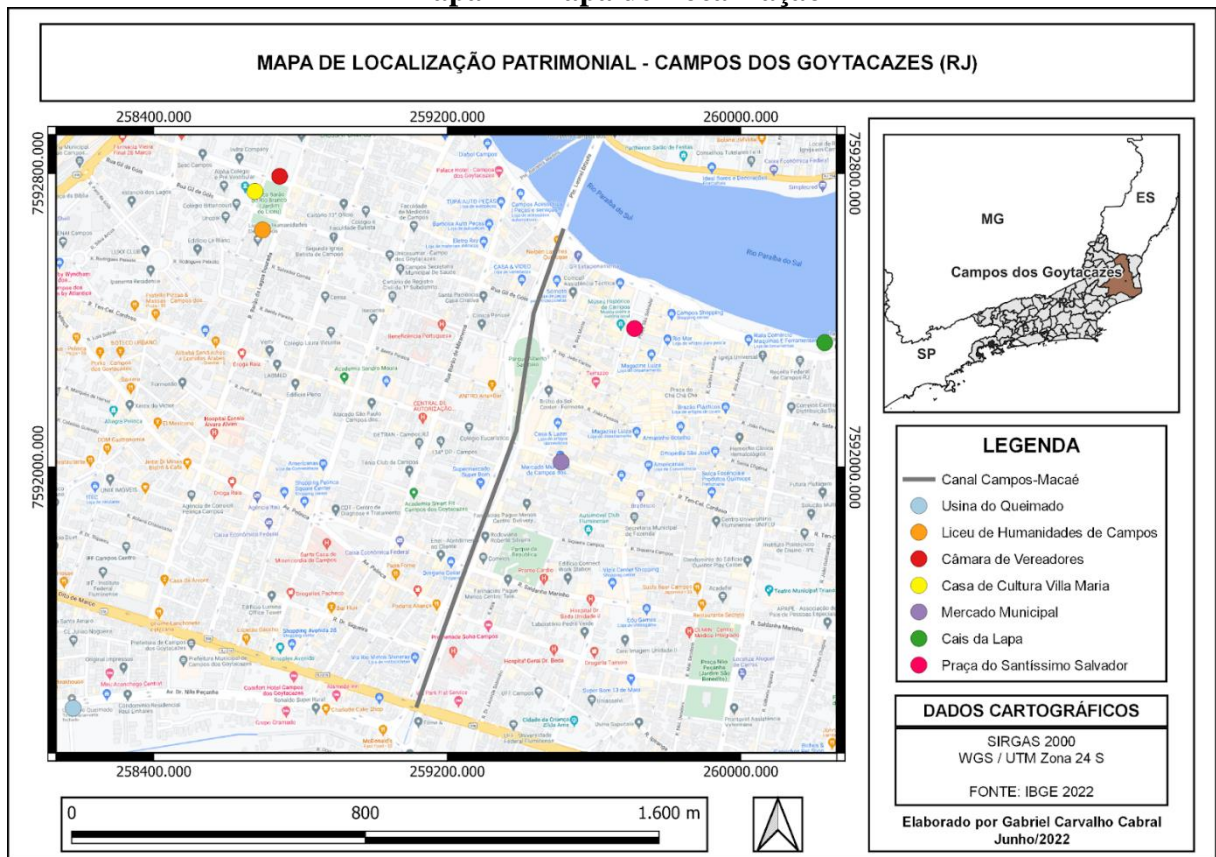
Fonte: Arquivo próprio, 2018

Cabe ressaltar que os procedimentos técnicos apresentados não são os únicos, mas representam o básico para o início do manejo fotográfico. Da mesma forma, são separados devido ao cunho didático pedagógico, mas sendo a fotografia o produto final, os recursos técnicos aparecem de maneira cumulativa. As técnicas são a base para a representação fotográfica pois estabelecem um elo entre o fotógrafo e a mensagem que se deseja transmitir, tornando-as imprescindíveis. Nas palavras de Steinke:

entende-se como fotografia o produto final de uma ação do fotógrafo que, diante do recurso tecnológico disponível e acessível em um dado momento cronológico e de um espaço geográfico, selecionou um tema e um enquadramento para ser registrado (STEINKE, 2014, p. 60).

Nesta etapa, os alunos também podem receber o mapa de localização para fotografar as marcas patrimoniais da cidade, vale ressaltar, que serão as mesmas que foram listadas e pesquisadas por eles na etapa 1. Com isso, deve ser estabelecido um intervalo para que os alunos possam fotografar e esse tempo deve ser ajustado de acordo com as necessidades de cada aplicação.

Mapa 1 - Mapa de Localização



No mapa não constam todos os locais listados anteriormente, isso porque, alguns pontos permitem a visualização de dois ou mais patrimônios. No ponto de localização referente ao cais da lapa os alunos podem observar o próprio cais, mas também a Igreja Nossa Senhora

da Lapa, assim como as pontes. O ponto de referência da Praça do Santíssimo Salvador abarca todo o entorno da praça, o Museu Histórico de Campos, e a igreja matriz.

A terceira etapa consiste na reunião das fotografias realizadas pelos alunos e a divisão em dois grandes grupos. O primeiro grupo definido como “Modais de transporte” agrega o Canal Campos-Macaé e as pontes. O segundo grande grupo será “Rugosidades e contrastes paisagísticos” que insere todos os outros elementos patrimoniais evidenciado ao longo do trabalho e que serão fotografados pelos alunos: Cais da Lapa, Igreja Nossa Senhora da Lapa, redondezas da Praça São Salvador, Museu Histórico de Campos, Liceu de Humanidades de Campos, Casa de Cultura Villa Maria, atual Câmara de Vereadores e Usina do Queimado.

Com as imagens separadas em seu devido grupo, o próximo passo da etapa 3 é a criação das legendas que devem constar com a seguinte identificação principal: patrimônio ou local fotografado, data e o nome do autor da fotografia. Contudo, é possível que cada aluno crie legendas com mais características sobre a imagem como localização, um fato importante, algo que precisa ser evidenciado na imagem, e outros, mas isso, não torna dispensável a identificação principal.

A finalização da etapa 3 é a construção do acervo. Para isso, deve ser selecionado uma forma de armazenamento das imagens, por exemplo, armazenamento na nuvem como dropbox, google drive ou armazenamento fixo em pendrive e HD externo. Recomenda-se ter as duas formas de armazenamento para garantir que não haja perdas dos dados e também pela facilidade de compartilhamento, como no caso da nuvem.

O objetivo principal do acervo é esse banco de imagens que poderão ser utilizadas para ações futuras no âmbito escolar, como em trabalhos, apresentações, etc; mas também em ocasiões extraescolares como exposições, divulgação deste material em plataformas digitais como instagram, *blogs*, jornais e revistas eletrônicas da cidade.

Isso corresponde a duas das cinco funções na história da fotografia evidenciado por Reis Junior (2014). A primeira é a função de arquivar, e como afirma o autor, uma função previsível quando comparamos os álbuns fotográficos e antiga no que diz respeito a “documentar o mundo”. Para ele, “a fotografia, enquanto arquivo, fazia a mediação entre espectador e os fatos do mundo” (REIS JUNIOR, 2014, p. 12).

A segunda é função de ordenar. Muito relacionado com o álbum de fotos por se tratar da atenção a uma certa ordem cronológica dos fatos fotografados, o autor afirma que “a distribuição de cenas, que ele compreende, respeitaria uma espécie de coerência” (REIS JUNIOR, 2014, p. 13).

A construção do acervo fotográfico é uma tentativa de capacitar alunos e professores sobre o patrimônio e seus desdobramentos na cidade de Campos dos Goytacazes, que inclui a história da cidade, as modificações espaciais que obedeceram a uma nova ordem de estruturação. Evidenciar a importância da educação patrimonial para que os símbolos se perpetuem na memória dos munícipes e que as marcas não desapareçam na paisagem.

Isso permite criar um espaço de discussão sobre o viés público de manutenção desses patrimônios e situá-los como agentes modificadores do espaço levando a compreensão da importância do uso e apropriação desses espaços, uma vez que são parte da história local e das manifestações culturais impressas na paisagem.

A alfabetização visual estabelece com o uso da fotografia como forma de representação uma sensibilização do olhar para aspectos da ferramenta, neste caso, como um documento histórico e passível de proporcionar um resgate imagético e memorial no âmbito da educação patrimonial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou levantar considerações sobre uma relação existente entre o processo espacial da globalização e o patrimônio histórico-cultural da cidade de Campos dos Goytacazes. Para sustentar essa discussão três pontos foram elencados e fotografias foram utilizadas para reafirmar os argumentos.

Com isso, o primeiro ponto da discussão consiste em ressaltar o declínio de toda uma estrutura sucroalcooleira que foi vigente por muito tempo e propiciou as bases da cidade. A partir das técnicas presentes no período e as demandas impostas pelo sistema produtivo moldaram a cidade e estabeleceram marcas importantes.

O segundo ponto já aborda o que foi qualificado ao longo do texto como a reestruturação ocorrida na cidade em que toda organização anterior ficou incapaz de atender às novas demandas coincidindo com a ascensão petrolífera que ditou novas formas de (re)fazer o cenário campista.

O terceiro ponto correlaciona os anteriores na medida que resgata as marcas da antiga estrutura campista que resistiram na paisagem, mas ao mesmo tempo, evidencia os traços da organização contemporânea que sufoca e contrasta a antiga em busca do seu protagonismo hegemônico da globalização.

Acontece que muitas dessas marcas possuem um caráter histórico e cultural importante para a cidade pois narram uma herança passada que faz parte da espacialidade e

identidade local. Frente ao processo de metropolização do espaço algumas dessas marcas resistiram, outras refuncionalizadas, algumas apagadas, e conseqüentemente, ocasionaram um distanciamento simbólico no imaginário da sociedade campista. Isso permite que a nova estrutura espacial da globalização determine o resultado desses conflitos espaciais colocando em jogo a preservação patrimonial.

A escola e o ensino de geografia requerem uma atenção especial à medida que podem manter as memórias e incentivar a conservação desses espaços por meio da educação patrimonial. O primeiro ponto é considerarmos que a geografia escolar trata de um espaço e um tempo. Segundo, este intervalo espaço-temporal insere os alunos enquanto agentes ativos de modificação do espaço, ou seja, deve-se considerar a espacialidade uma vez que a partir dela proporcionará o conhecimento do espaço no qual os alunos estão inseridos estimulando a preservação e conservação da memória e da materialidade. Terceiro, essas marcas abarcam discussões relevantes para a geografia e que devem ser levadas para a sala de aula por meio de práticas pedagógicas que considerem cada vez mais a espacialidade dos alunos.

Na era da globalização, o espaço urbano possui diferentes formas e singularidades em que o fluxo intenso das informações, a produção, as decisões, os conflitos, são amplificados e realocam o que poderíamos chamar de importâncias espaciais. “É nesse sentido que afirmamos que a lógica do capital sob a hegemonia do capital financeiro e da metropolização do espaço é hegemônica” (LENCIONI, 2015, p. 3), demonstrando que mesmo com com todo o simbolismo e significado para a sociedade, o patrimônio e a toda cultura inerente a essas formas, muitas vezes não são poupadas no processo de metropolização do espaço.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Rafael Espinoza Gomes Roseira. O Canal Campos-Macaé como expressão da constituição técnico-científica da configuração territorial de Campos dos Goytacazes/RJ. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: _____. CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998
- BOSI, Ecléa. Memória & sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove. A Paisagem e o Passado. Espaço Aberto, PPGG-UFRJ, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 37-46, 2014.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 2005.
- JARVIS, Chase. The Best Camera Is The One That's With You: iPhone Photography by Chase Jarvis. Berkeley, CA: New Riders, 2010.
- LENCIONI, Sandra. Metropolização do espaço e a constituição de megarregiões. In _____. FERREIRA, A.; RUA, J.; MATTOS, R. Desafios da Metropolização do espaço. Rio de Janeiro, Consequência, 2015.
- LENCIONI, Sandra. Reestruturação: uma noção fundamental para o estudo das transformações e dinâmicas metropolitanas. In: _____. ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 6, Buenos Aires. Actas... Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1997.
- PADILHA, Marcela do Nascimento. Geografia do Turismo. Volume único – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2018.
- PEREIRA PINTO, Jorge Renato. Um pedaço de terra chamado Campos – sua geografia e seu progresso. 1. ed. Campos dos Goytacazes: Almeida Artes Gráficas, 1987.
- REIS JUNIOR, Dante Dante Flávio da Costa. Aspectos históricos da fotografia e realizações e Geografia. In: _____. STEINKE, Valdir Adilson; REIS JUNIOR, Dante Flávio da Costa; COSTA, Everaldo Batista. Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias - LAGIM, UnB, 2014, p. 12-44.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI. 17.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.
- SANTOS, Milton. A Natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- SANTOS, Milton. Espaço e Método. 1. ed. São Paulo, SP: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SERPA, A. O Trabalho de Campo em Geografia: Uma Abordagem Teórico Metodológica. IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 7 – 24, 2006. Disponível em: <
www.agbsaopaulo.org.br>